Dia 9 — São Cirilo, Bispo e Mártir

São Cirilo, um dos bispos célebres dos primeiros séculos da Igreja e um dos mais insignes mártires de Jesus Cristo, quer fosse originário do Egito, como opinam alguns, quer de Creta, chamada Cândia, como outros discorrem, segundo nos instruem seus atos, parece que nasceu de pais cristãos e que desde sua infância foi educado nas máximas que prescreve o Evangelho, às quais correspondeu fielmente, regrando seus costumes pela lei santa de Deus. Havia formado o Senhor em seu terno coração tal afeto às promessas eternas, feitas por Jesus Cristo aos que o seguem, que o desejo de ser um perfeito discípulo do Soberano Mestre o fazia deixar frequentemente a seus pais e pátria e buscar os servos de Deus onde quer que sabia poder achá-los, sem outro objeto que o de ilustrar-se nos sublimes conhecimentos dos mistérios de nossa santa religião, de cujo comércio sempre voltava mais fortificado na fé e cheio de um novo ardor para dedicar-se inteiramente ao serviço de Deus. Aumentou-se de um modo maravilhoso sua virtude e sua sabedoria, em termos que, assinalado por suas luzes entre os primeiros homens daquele tempo, aos trinta e quatro anos de sua idade foi sagrado bispo de Gortina, uma das cidades de Creta. A graça que recebeu nesta vocação o fez crescer em prudência e boas obras: suas gloriosas ações e santidade de vida eram o ornamento da ordem episcopal e a honra de seu ministério. O socorro dos auxílios divinos, que sempre o punham em movimento ativo para o bem de seu povo, fê-lo conduzir-se com a mais admirável justificação por espaço de quarenta e quatro anos no desempenho de seu alto cargo. Não satisfeito de conservar o sagrado depósito da fé na pureza com que os apóstolos a pregaram, trabalhava incessantemente em aumentar o rebanho de Jesus Cristo por meio da conversão dos infiéis, ilustrando-os com a pregação da divina palavra; de sorte que, ao fim de seu episcopado, teve a satisfação de ver adquirida para Jesus Cristo quase toda a metrópole, à custa de seu zelo infatigável e inumeráveis trabalhos.

Havia gozado sua igreja, como outras do Oriente, uma tranquilidade grande desde a morte do imperador Severo até a eleição de Décio no império, em cujo espaço de cerca de 42 anos soube aproveitar o santo bispo a trégua, pouco frequente naqueles calamitosos tempos, para afirmar e estender entre seu povo o reino de Jesus Cristo. Mas a calma foi turbada por uma bárbara perseguição, em que Décio, príncipe verdadeiramente cruel, quis assinalar-se nos princípios de seu reinado, publicando os mais ímpios editos contra os cristãos que recusassem prestar adorações sacrílegas aos ídolos. Mandou o governador da província de Creta prender Cirilo, chefe conhecido na religião cristã, sendo já de idade de 84 anos, e quis obrigá-lo a que sacrificasse às falsas divindades. Valeu-se para isso de uma compaixão fingida, representando-lhe que estava informado de que era um varão douto e prudente e que assim fizesse uso de seu talento, consultando sua avançada idade e o meio de conservar a vida no pouco que lhe restava. Mas Cirilo lhe fez conhecer, por sua constância, que os muitos anos não haviam debilitado seu espírito para sofrer os combates do tirano.

«Eu olho minha idade como nada — disse o santo ao presidente —, supondo que o Senhor me tem prometido renovar minha juventude como a da águia. Eu não posso sacrificar, segundo me ordenas, pois qualquer que renda adoração a outros deuses fora daquele que merece este nome será exterminado da terra. Eu não posso dar testemunhos de sabedoria e de prudência, segundo me conceituas, senão tomando todas as precauções necessárias para não me perder a mim mesmo depois de ter ensinado a outros a salvar-se; nem me resta outro arbítrio para acreditar a verdade da doutrina que preguei senão o de dar a meus filhos que me veem, e aos que me ouvem, o exemplo do que eles devem fazer em iguais casos.» Fez o governador, não obstante, outras tentativas mais eficazes, dissimulando o enojo para vencê-lo e fazer que mudasse de resolução o santo; mas, vendo-se rebatido e até confundido com suas sábias respostas, tiradas de expressões escritas nos livros sagrados, não podendo tolerar por mais tempo que um débil ancião desprezasse suas constituições, pronunciou a sentença seguinte: «Ordeno que Cirilo, homem que perdeu o juízo e que se fez inimigo de nossos deuses, seja queimado vivo.»

Recebeu o santo com imponderável gozo a sentença, repetindo ao Senhor muitas graças porque o fazia digno de padecer por seu amor. Caminhando à fogueira disposta para sacrificar a vítima inocente, não cessou em todo o trânsito de louvar a Deus com salmos e cânticos, rogando-lhe que se dignasse receber seu sacrifício. Arrojaram-no os verdugos ao incêndio; mas o Senhor, que em outro tempo livrou os três jovens hebreus no forno da Babilônia, obrando o mesmo prodígio, fez que, colocado Cirilo no meio das chamas, não o tocassem no mínimo, saindo delas mais puro que o ouro do crisol. Não pôde deixar de dar glória ao Deus dos cristãos o governador, tão visivelmente interessado em proteger seu servo. Deu-lhe liberdade à vista daquele prodígio que lhe fazia conhecer o poder do autor divino, disposto a obrar semelhantes maravilhas para maior confusão dos deuses falsos. Concorreu de todas as partes uma multidão de gentes a celebrar o triunfo de nosso santo, que, aproveitando-se de tão favorável disposição, persuadiu ao resto dos infiéis a verdade da religião cristã. Converteram-se muitos à fé por este motivo. Cirilo, jubiloso por uma parte dos sucessos das novas conquistas, lamentava-se por outra de ver-se privado da glória de morrer por Jesus Cristo.

Não quis Deus privar seu fiel servo desta coroa; pois, vendo o governador os progressos que cada dia fazia o santo prelado, com total menosprezo dos editos imperiais, arrependido de tê-lo perdoado e voltando a sua antiga pertinácia, para não se expor à vergonhosa confusão de outras novas maravilhas, por um segundo edito mandou decapitá-lo no dia 10 de julho, pelos anos 251 ou 252. Contudo, todos os historiadores, tanto da igreja grega como da latina, convêm em assinalar o dia de sua festividade no dia 9 deste mês, e os martirológios e menológios do Oriente e do Ocidente, compostos desde o século nono, fazem menção do nobre martírio de nosso santo.

A Comemoração dos Fiéis Defuntos

É artigo de fé que todos os que morrem em graça, mas sem ter satisfeito plenamente à justiça de Deus, vão purificar-se e expiar suas culpas nas penas do purgatório; isto é, que, antes de entrar no céu, onde não se admite a mais leve mancha, indispensavelmente hão de padecer tormentos na outra vida pelas mais mínimas faltas que não tenham satisfeito nesta, até extinguir inteiramente a dívida contraída em favor da justiça divina. Em virtude de uma verdade tão constante, assim pela sagrada Escritura como pelos concílios e pela tradição, a santa Igreja, governada sempre pelo Espírito Santo, em todas as missas faz particular oração pelos defuntos. *Memento etiam, Domine* (diz o sacerdote) *famulorum famularumque tuarum, qui nos præcesserunt cum signo fidei, et dormiunt in somno pacis*: lembrai-vos também, Senhor, daqueles servos e servas vossas que nos precederam no sinal da fé e dormem o sono da paz. *Ipsis, Domine, et omnibus in Christo quiescentibus locum refrigerii, lucis et pacis, ut indulgeas, deprecamur; per Christum Dominum nostrum*: suplicamo-vos, Senhor, que assim a estes como a todos os que descansam em Cristo concedais por vossa misericórdia o lugar do refrigério, da luz e da paz; por Cristo nosso Senhor. De maneira que, além da oração que se faz no sacrifício da missa pelas almas daqueles que se nomeiam em particular, dispõe a Igreja que todos os dias se peça em geral a Deus por todas as almas que estão no purgatório. Esta boa mãe pede por aquelas benditas e aflitas almas, em primeiro lugar, o refrigério pelo fogo em que se abrasam; depois, a luz pelas trevas que as circundam; e finalmente a paz pelas agitações que padecem. Esta oração pelos defuntos no santo sacrifício da missa se acha em todas as liturgias mais antigas, tanto da igreja grega como da latina, e é de tradição apostólica, como o testifica Tertuliano no livro da coroa do soldado; São Cipriano na epístola 66; São Cirilo de Jerusalém, Santo Epifânio, São Crisóstomo, Santo Ambrósio, Santo Agostinho e todos os santos padres; como também o quarto concílio de Cartago, o segundo de Vaison, o de Orleães, o de Braga e as liturgias de todos os séculos.

Certamente, quando se examina sem preocupação o dogma católico sobre a oração pelos defuntos, mal se pode compreender como houve entendimentos que se amotinassem contra um ditame tão antigo, tão autorizado, tão conforme à luz da razão e até aos mesmos impulsos da natureza. Parece que por este meio quis a divina Providência humilhar nossa presunção, fazendo-nos conhecer até onde é capaz de descaminhar-se, e ao mesmo tempo fortificar nossa fé, dando ocasião para que sucessivamente se fossem aprofundando todos os pontos e confirmando-se mais. E este é o proveito que se pode dizer que tirou a Igreja das heresias suscitadas em todos os séculos.

Observa hoje a Igreja em todo o mundo o costume de oferecer pelos defuntos o santo sacrifício da missa, como o observava no tempo de São João Crisóstomo, segundo o expressa ele mesmo na homilia 63; isto é, numa daquelas exortações doutrinais que fazia ao povo de Antioquia: *Circa defunctos ne temere lugeamus*: os defuntos não os choremos temerariamente e sem fruto, diz o santo; choremo-los em boa hora, mas ao mesmo tempo procuremos-lhes algum alívio: *Hos lugeamus. Excogitemus eis aliquid solatii.* Mas como e por que meio? *Qualiter, et quonam modo?* Fazendo nós oração por eles e solicitando que os outros os encomendem a Deus: *Orantes, et alios precantes ut pro eis deprecentur*; dando esmolas aos pobres com este fim: *pro eis pauperibus largientes continue.* Isto alivia de alguma maneira os defuntos: *habet hæc res aliquam consolationem.* Não sem razão ordenaram os apóstolos que no tremendo e adorável sacrifício da missa se fizesse oração a Deus pelos defuntos: *Non temere ab apostolis hæc sancita fuerunt, ut in tremendis mysteriis defunctorum agatur commemoratio.* Sabiam muito bem quanto aproveitava

aos defuntos o divino sacrifício: *Sciunt enim illi inde multum contingere lucrum, utilitatem multam*; porque, afinal, juntando-se as orações do povo às poderosas do sacerdote que celebra a missa, como pode deixar de ouvi-las o Senhor? *Cum enim totus constiterit populus, extensis manibus, sacerdotalis plenitudo, et tremendum proponatur sacrificium, quomodo Deum non exorabimus pro his deprecantes?* E que outra coisa pretendeis quando encarregais ao sacerdote alguma missa por um defunto, senão que sua alma entre quanto antes no descanso dos bem-aventurados e encontre favorável o supremo Juiz? *Quid orare sacerdotes exhortaris? nonne ut in requiem transeat defunctus, et propitium Judicem habeat?*

Santo Agostinho, no sermão 172, sobre as palavras do apóstolo São Paulo, exorta vivamente os fiéis a que, com orações, esmolas e especialmente com o santo sacrifício da missa, solicitem o alívio dos defuntos que estão pagando no purgatório aquelas leves culpas pelas quais não deram em vida plena satisfação à divina Justiça.

«Todas estas fúnebres pompas — diz este grande santo —, esses numerosos acompanhamentos, essas magníficas exéquias, esses ricos e soberbos mausoléus: *Virorum sunt qualiacumque solatia, non adjutoria mortuorum*, são certa espécie de consolo para os vivos; mas não são nem sufrágio nem alívio para os mortos: *Orationibus vero sanctæ Ecclesiæ, et sacrificio salutari, et eleemosynis, quæ pro eorum spiritibus erogantur, non est dubitandum mortuos adjuvari*: o que sem dúvida lhes serve de alívio e de sufrágio são as orações da Igreja, o santo sacrifício da missa e as esmolas que por suas almas se repartem aos pobres. *Ut cum eis misericordius agatur a Domino, quam eorum peccata meruerunt*: isto serve para que Deus os trate com mais piedade e com mais misericórdia que a que mereciam seus pecados. É antigo costume, estabelecido em toda a Igreja, segundo a tradição dos padres — prossegue o santo doutor —, fazer oração por aqueles que morreram na comunhão do corpo e sangue de Jesus Cristo, singularmente naquela parte do sacrifício onde se faz comemoração deles, como também especificar os nomes daqueles por quem particularmente se oferece: *Hoc enim a Patribus traditum universa observat Ecclesia, ut pro eis qui in corporis et sanguinis Christi communione defuncti sunt, cum ad ipsum sacrificium loco suo commemorantur, oretur, ac pro illis quoque id offerri commemoretur.* Mas quando estas orações pelos defuntos vão acompanhadas com obras de misericórdia, quem duvida que lhes são muito proveitosas? *Quis eis dubitet suffragari, pro quibus orationes Deo non inaniter allegantur*? Não se pode negar que tudo isto ajuda muito aqueles defuntos que, enquanto estiveram em vida, mereceram ser socorridos com estes auxílios depois de mortos; mas não te persuadas — acrescenta o santo — de que todas as orações que se rezam, todas as boas obras que se fazem e todas as missas que se oferecem por tais e tais mortos as aceita sempre Deus em favor daqueles por quem se aplicam. Dessa maneira sairiam melhor livrados na outra vida os grandes do mundo, que de ordinário saem dela mais devedores a Deus, e seriam preferidos a outros pobrezinhos mais virtuosos que foram de inferior condição e de humilde fortuna: *Non ergo mortuis nova merita comparantur, cum pro eis boni aliquid operantur sui.* Porque é de advertir que aos defuntos não se lhes acrescentam novos méritos as boas obras que se oferecem por eles. *Non enim actum est, nisi cum hic viverent, ut eos hæc aliquid adjuvarent cum hic vivere destitissent*: se queremos que depois de mortos nos sirvam todas as orações e todas as boas obras que se apliquem por nós, vivamos de maneira que mereçamos que as aceite e no-las aplique o Senhor depois de mortos. E depois de tudo isto, ainda haverá homens tão prevenidos e tão preocupados do espírito do erro que se empenhem em defender que o fazer oração pelos defuntos é invenção dos derradeiros séculos!»

Pede a Justiça divina que todos os pecados sejam castigados, mas com alguma proporção; de maneira que o castigo de uma culpa leve não seja tão grande como o de uma culpa grave: pois, como não se pode negar que nos que morrem em graça se acham algumas culpas tão leves que não merecem os suplícios eternos, é preciso convir que necessariamente há de haver na outra vida algumas penas distintas das do inferno, ao menos na duração, para o castigo destas leves culpas. A morte não priva a justiça de Deus de seu direito, nem a sua misericórdia de poder usar de alguma graça com as almas que estão em sua amizade. Mas elas já não podem merecer por si mesmas nem o alívio das penas, nem a graça de que se lhes abreviem. São como aqueles que estão presos por dívidas e não têm com que pagá-las, os quais recorrem a seus parentes e a seus amigos para que satisfaçam por eles. O comércio que há entre todos os fiéis, unidos pelo vínculo da caridade, obriga aquelas pobres almas a recorrer a seus amigos e a seus parentes para que satisfaçam por elas à justiça de Deus, porque no cárcere onde se acham padecem extrema necessidade. A respeito delas, todos, por dizê-lo assim, somos ricos; sobram-nos meios e recursos para socorrê-las: orações, esmolas, boas obras, missas, jejuns, penitências, tudo é cabedal com que podemos solicitar a liberdade daquelas pobres almas. E quão reconhecidas não estarão a seus benfeitores e libertadores aquelas cujas penas se aliviaram ou abreviaram por seus caritativos ofícios! No céu, onde está em sua perfeição a caridade, nunca esquecerão o que deveram aos que aceleraram sua ventura, satisfazendo por elas. E aquele grande Deus que promete o céu a quem der em seu nome e por seu amor um copo de água; aquele divino Salvador que agradece como se se fizesse a sua mesma pessoa o que se faz ao mais mínimo de seus servos, com que olhos olhará essas missas, essas penitências, essas orações, essas boas obras que se oferecem por aquelas almas predestinadas, que lhe são tão gratas e que está tão pronto como propenso a libertar? Há obra de misericórdia mais meritória que a que se exerce com os defuntos? Há devoção mais sólida nem mais conforme ao espírito, ao coração de um cristão que a devoção às almas do purgatório?

Admiremos neste ponto de nossa religião a infinita sabedoria e a maravilhosa providência de Deus, que, querendo compor um só corpo de todos os fiéis, soube fazer perpétua a união dos membros da Igreja, juntando por esse comércio de caridade os que ainda vivem na terra com os que a morte separou de sua companhia corporal. Por este meio se estabeleceu e se conserva uma contínua comunicação de benefícios entre os vivos e os mortos, igualmente útil aos uns e aos outros, fazendo-os a todos participantes dos méritos de seu amável Redentor. Nossas orações e nossas boas obras livram os defuntos dos maiores males, e sua intercessão nos solicita a nós os maiores bens; nós os fazemos participantes de tudo o que de bom obramos, e eles, na glória, empenham-se eficazmente para que tenhamos parte na ventura que gozam; de maneira que a caridade, o agradecimento e a ternura se perpetuam entre os filhos de Deus, e reciprocamente se ajudam a bendizer, admirar e louvar por toda a eternidade as infinitas perfeições do Pai celestial.

Martirológio Romano

Em Roma, no lugar chamado Jorro Contínuo, a festa de São Zenão e de outros dez mil duzentos mártires.

Em Gortina, na ilha de Creta, São Cirilo, bispo, que na perseguição de Décio foi arrojado às chamas por ordem do presidente Lúcio; mas, como não recebeu nelas a menor lesão, sem terem sido queimadas ainda as ligaduras, deu-lhe a liberdade o juiz, assombrado de tão grande milagre. O mesmo juiz condenou-o depois a perder a cabeça, por ter o santo voltado a pregar a fé de Jesus Cristo com zelo mais vivo e ardente.

Num dos lagos do Velino, na cidade chamada Toro, o martírio de Santa Anatólia e de São Áudax sob o imperador Décio. Tendo a virgem cristã Anatólia curado, em toda a província da Marca de Ancona, a muitas pessoas aflitas de diferentes enfermidades, convertendo-as todas à fé de Jesus Cristo, foi entregue a muitas espécies de tormento por ordem do presidente Faustiniano. Vendo Áudax que uma serpente que haviam lançado sobre a santa não lhe havia feito o menor dano, converteu-se também à fé. Enfim, estava rezando a virgem com os braços em cruz e foi traspassada por uma cutilada. Seguiu-a de perto Áudax, pois, preso, foi sem demora decapitado.

Em Alexandria, os santos mártires Patérmuto, Copres e Alexandre, mortos sob Juliano Apóstata.

Em Santa Maria de Pantano, São Brício, bispo, que, depois de ter padecido muitos tormentos por Jesus Cristo sob o juiz Marciano e convertido ao cristianismo muitíssimos povos, morreu em paz, confessor da fé.

Em Auxerre, o falecimento de São Fraterno, bispo.

Em Mairé-l'Evescault, perto de Poitiers, Santo Anemondo, abade, discípulo e sucessor de São Juniano.

Em Sens, São Heráclio, bispo da dita cidade, fundador da abadia de São João Evangelista.

Em Tomes, os santos mártires Zenão e Mímlas.

No mesmo dia, São Moch, mártir.

No mesmo dia também, as santas virgens e mártires Floriana e Faustina.

Missa (oração)

A missa é a dos defuntos, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Fidelium, Deus, omnium conditor et redemptor, animabus famulorum famularumque tuarum remissionem cunctorum tribue peccatorum: ut indulgentiam, quam semper optaverunt, piis supplicationibus consequantur. Qui vivis et regnas...*

Português: Ó Deus, criador e redentor de todos os fiéis, concedei às almas de vossos servos e servas a remissão de todos os seus pecados, para que obtenham pelas piedosas orações de vossa Igreja o perdão que sempre desejaram. Vós que viveis e reinais...

Epístola

A epístola é do capítulo 14 do Apocalipse.

Apocalipse 14,13

> **Latim:** 13 Et audivi vocem de cælo, dicentem mihi : Scribe : Beati mortui qui in Domino moriuntur. Amodo jam dicit Spiritus, ut requiescant a laboribus suis : opera enim illorum sequuntur illos.

Português: 13 Então ouvi eu huma voz do ceo, que me dizia: Escreve: Bemaventurados os mortos, que morrem no Senhor. De hoje em diante, diz o Espirito, que descancem dos seus trabalhos, porque as obras d'elles os seguem.

Nota

«Os mais dos padres antigos e dos primeiros intérpretes do Apocalipse explicaram todos os mistérios deste admirável livro com respeito ao juízo universal. Os expositores modernos, fora dos três primeiros capítulos, que tocam às igrejas particulares da Ásia, pretendem que os sete selos que se abriram representam as sete idades da Igreja.»

Reflexões

Ouvi uma voz que vinha do céu e me dizia: escreve: Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor. Mas era preciso que baixasse do mesmo céu uma voz para persuadir-nos de que somente são bem-aventurados aqueles que morrem no Senhor? Era preciso que este oráculo se gravasse no mármore e no bronze com caracteres indeléveis para que nunca se nos apagasse da memória. Pois quê! Há porventura coisa alguma que não nos esteja demonstrando uma verdade que dita a mesma razão, que nos está ensinando uma contínua experiência e é um dos principais artigos de nossa fé? Tudo quanto há publica esta verdade; ninguém reclamou contra este oráculo; e com tudo isso não há coisa mais esquecida nem que faça menos impressão na gente do mundo. Que ideia se tem desta felicidade? Que caso se faz desta ventura? Morrer em graça do Senhor, é o que se

chama no mundo fazer fortuna? Mas afinal há porventura outra fortuna que fazer? É fortuna viver entre a opulência, os deleites, os passatempos e o regalo e morrer entre as angústias, os remorsos e o desespero? Viver cercado de esplendor, cumulado de honras, logrando o favor do príncipe: isto se chama ser um homem feliz e afortunado; mas é preciso confessar que essa fortuna, essa felicidade e essa ventura é bem superficial, é bem curta e está acompanhada de inquietações, de sustos e de sobressaltos. Num mar tempestuoso, está sempre sereno o céu? São todos os dias de calma? Não se experimenta alguma agitação quando se sobe tão alto? Esses primeiros empregos são sempre muito tranquilos? Ah, que mal se tomou posse deles quando é preciso deixá-los! Não há grande, não há afortunado do século cujo herdeiro ou cujo sucessor talvez não tenha nascido já. No mundo, falando com propriedade, ninguém faz mais que preparar o lugar para seu sucessor; pode-se dizer que nossos bens pertencem em substituição a nossos herdeiros; que nós não somos mais que como uns fideicomissários universais e que só temos o uso deles por tempo determinado, passado o qual é preciso entregá-los a outro. Despoja-nos a morte de todas essas brilhantes insígnias da dignidade; aniquila todos os nossos títulos e todos os nossos direitos; apaga todo o esplendor, todo o orgulho e todo o lustre. A grandeza mais soberana, a mesma majestade se estrela contra o sepulcro. Na hora da morte, toda a fortuna e toda a felicidade humana é um sonho e nada mais. *Beati qui in Domino moriuntur.* A verdadeira ideia da felicidade verdadeira é morrer em sua graça. Ainda que alguém tenha sido pobre, desgraçado e miserável por toda a vida, ainda que esta tenha sido a mais trabalhosa, a mais obscura e a mais vil, se morreu na graça de Deus, a essa morte se segue, e dessa mesma morte nasce, a nobreza mais augusta, a grandeza mais respeitável: uma felicidade eterna que nem o tempo pode consumir, nem as revoluções podem alterar, nem o mesmo Deus, como imutável em seus decretos, pode já turbar sua posse. Na morte, os maiores príncipes ficam a um mesmo nível com seus mais ínfimos vassalos; a morte ao menor dos santos faz superior ao maior de todos os monarcas do mundo; um vil escravo, um pobre lavrador é já objeto de sua veneração; todos os grandes da terra dobram o joelho diante de suas imagens e seus retratos; respeitam, honram e adoram suas relíquias. Oh, e quanta verdade é que são bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 6 de São João.

João 6,51-55

> **Latim:** [51] Ego sum panis vivus, qui de cælo descendi. [52] Si quis manducaverit ex hoc pane, vivet in æternum : et panis quem ego dabo, caro mea est pro mundi vita. [53] Litigabant ergo Judæi ad invicem, dicentes : Quomodo potest hic nobis carnem suam dare ad manducandum ? [54] Dixit ergo eis Jesus : Amen, amen dico vobis : nisi manducaveritis carnem Filii hominis, et biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis. [55] Qui manducat meam carnem, et bibit meum sanguinem, habet vitam æternam : et ego resuscitabo eum in

> novissimo die.

Português: [51] Eu sou o pão vivo, que desci do ceo. [52] Se qualquer comer d'este pão, viverá eternamente: e o pão, que eu darei, he a minha carne, para ser a vida do mundo. [53] Disputavão pois entre si os Judeos, dizendo: Como póde este dar-nos a comer a sua carne? [54] E Jesus lhes disse: Em verdade, em verdade vos digo: Senão comerdes a carne do Filho do homem, e beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós. [55] O que come a minha carne, e bebe o meu sangue, tem a vida eterna: e eu o resuscitarei no ultimo dia.

Meditação

Do desejo da morte

Primeiro ponto

Considera que o verdadeiro desejo da morte (falo do piedoso, e não do que nasce de desespero ou de pouco sofrimento das misérias desta vida), este verdadeiro desejo, digo, não pode deixar de ser efeito de um vivo e ardente amor de Deus e fruto sazonado de uma fervorosa virtude; é uma santa e doce ânsia de que se levante este desterro, de ir à amada pátria; é uma inocente paixão por sair quanto antes de um país inimigo, onde é preciso estar sempre alerta contra os laços e contra as surpresas; onde nem a maior vigilância nem o mais atento cuidado são bastantes para que se passe um só dia sem alguma ferida; é, enfim, um doce movimento da alma para seu Deus, como a seu último fim, como a seu soberano bem, como a sua suprema felicidade, como ao repouso, a seu centro, a sua alegria pura e sem mistura alguma.

Que admiração pode causar que um caminhante deseje com ânsia chegar quanto antes ao termo de sua viagem, nem que um encarcerado suspire por sair da prisão? Que estranho pode ser que tenham mau gosto ao paladar umas frutas sempre verdes e sempre amargas; que desgoste um país onde se está de passagem, sujeito a contínuas tempestades, a furacões perpétuos, cujo terreno só dá espinhos que picam e penetram? Uma alma que conhece a Deus, que ama a Deus, que faz reflexão sobre as misérias desta vida, sobre a brevidade de seus dias, sobre os perigos da salvação, sobre os lances em que nos põem aqueles com quem vivemos e nossas mesmas paixões, como pode deixar de exclamar com o apóstolo São Paulo: *Quis me liberabit de corpore mortis hujus?* Quem me livrará do corpo desta morte? Como pode deixar de sentir aquele impulso, aquela forte inclinação, aqueles veementes desejos de achar-se já na Jerusalém celestial? Como pode deixar de mostrar a ânsia que tem de estar com seu Criador, com seu Salvador, com seu divino Esposo, com seu Pai, e dizer continuamente com o Apóstolo: *Desiderium habeo dissolvi, et esse cum Christo*: desejosa estou de ver-me livre desta prisão e de viver com meu Senhor Jesus Cristo? Quantos santos tiveram os mesmos desejos e usaram a mesma linguagem, e não precisamente pelo tédio ou pelo desgosto da vida, pois muitos deles viviam com toda a abundância

e com toda a grandeza da corte! No meio dela exclamava o real profeta Davi (Sl 119): *Heu mihi, quia incolatus meus prolongatus est!* Ai de mim, Senhor, que vai muito longo este meu desterro! Ainda me vejo obrigado a ficar entre os moradores de Cedar, e suspira minha alma, desterrada há tanto tempo em terra estranha: *Cum his qui oderunt pacem, eram pacificus*: estou perpetuamente cercado de inimigos, sendo eu tão amante da paz; e basta dizer-lhes que a desejo para que por isso mesmo me façam maior guerra. É possível, Senhor, que uma vida tão miserável possa ser apetecível aos que têm fé? Ah, que só é admirável para exercitar a paciência!

Segundo ponto

Considera que uma alma verdadeiramente cristã tem tantos motivos para não amar esta vida que não pode deixar de olhar a morte com alegre complacência. Quando se detém a consideração na multidão de calamidades de que está inundada toda a terra, no número sem número de acidentes contrários, de desgostos e de enfermidades em que está como afogada esta triste vida, a que revoluções e a que amarguras não nos achamos expostos? Todos nascemos chorando, e o último suspiro sai sempre misturado com lágrimas. Nem a mais sombria solidão, nem o mais espantoso deserto é seguro asilo contra as tentações e contra os perigos; tudo está semeado de espinhos; a cada passo há um precipício. É uma contínua guerra a vida do homem; é preciso estar sempre com as armas na mão; conceder um só dia de trégua é dar-se por vencido: *Foris gladius, intus pavor*: estragos por fora, pavores e sustos por dentro; não há dia sem nevoeiros, não há estação sem borrascas, não há idade sem perturbação, não há condição sem perigos; perigos no povoado, perigos no deserto, perigos em todas as partes. Derrama-se o fel e a amargura até nas mesmas diversões; tudo contribui para tornar a vida triste, tediosa, insuportável. Desta maneira, bom Deus, quisestes pôr-nos na ditosa necessidade de sentir a amargura de nosso desterro e de suspirar incessantemente por nossa pátria celestial. Oh, Senhor, que coisa nos pode alegrar nesta região de prantos?

Quomodo cantabimus in terra aliena? Como é possível, diziam em outro tempo os israelitas, que nos alegremos em terra alheia? Sentados às margens do rio da Babilônia, imagem natural de uma vida que corre com rapidez para a morte, como não havemos de derramar uma torrente de lágrimas, lembrando-nos de nossa amada Sião? *Illic sedimus, et flevimus, cum recordaremur Sion.* Consumidos de dor em tão melancólico desterro, penduraremos dos salgueiros nossos instrumentos músicos e nos abandonaremos ao pranto e à tristeza: *In medio ejus suspendimus organa nostra.* Oh, e quanta verdade é que uma alma ilustrada com as luzes da fé encontra poucos gostos na terra! Quanta verdade é que a vida tem poucos atrativos para quem não perde de vista seu último fim! Quanta verdade é que a morte é de grandíssimo consolo para os que amam abrasadamente a Deus!

Concedei-me, Senhor, esta viva fé, que excite em mim um verdadeiro desgosto deste desditoso desterro; fazei presente sempre a minha memória meu último fim, para que tenha por amargos os dias da vida; e abrasai-me em vosso divino amor para que deseje ansiosamente estar quanto antes convosco.

Jaculatórias

> *Heu mihi, quia incolatus meus prolongatus est.* Sl 119.

Ai de mim, que se alonga demasiado meu desterro!

> *Desiderium habeo dissolvi, et esse cum Christo.* Fl 1.

Desejo com ânsia ser desatado da prisão deste miserável corpo para viver quanto antes com meu Senhor Jesus Cristo.

Propósitos

1. Algumas, e até demasiadas vezes, desejam a morte os mundanos; mas estes desejos, falando com propriedade, são efeito do desespero, da raiva e da impaciência, porque não podem sofrer os trabalhos e as desditas que os despedaçam. São uns ímpetos, umas labaredas de furor, filhas da loucura mais que da razão, sempre pecaminosas e sempre repreensíveis. O desejo da morte nas almas cristãs e fervorosas é sempre inocente, sempre tranquilo; é um ardente desejo de livrar-se do corpo do pecado e de ver-se quanto antes em estado de não poder ofender mais a Deus; é um desejo ansioso de ver a Deus, de possuir a Deus sem medo de perdê-lo nunca. Tem horror ao primeiro desejo, porque é uma impaciência gravemente culpável; mas aspira ao segundo, que é sempre puro, sempre inocente, imitando a Santa Teresa, que a cada hora que soava o relógio se animava alegremente, dizendo-se a si mesma: «Eia, bom ânimo, que já estás uma hora mais perto da eternidade.» Já sejas feliz, já sejas desgraçado; já tudo te saia mal, ou já tudo te saia bem; já te achas em elevação, ou já te vejas em obscuridade; já gemas acossado de enfermidades, ou já gozes a mais robusta saúde, protesta a teu Deus quanto desejas possuí-lo quanto antes no céu e o desgosto com que estás nesta vida, ainda que leves com paciência e com resignação suas misérias e trabalhos.

2. Evita aquelas queixinhas, que são efeito de nossa impaciência, de nossa imortificação e de nossa pouca virtude. Em todas as aflições que te ocorrerem, lembra-te da morte, como termo que há de pôr fim a todas as misérias. Não há coisa que tanto vá desgastando os laços que nos têm aprisionados e pegados à terra como as adversidades.

Pensa com frequência na feliz mansão dos bem-aventurados e, sempre que fizeres oração pelos defuntos, procura desgostar-te desta vida. O pensamento da morte consola muito aos que vivem cristãmente; o que nos faz amarga sua memória é a desordem da vida. Vive bem, sê devoto, ama a Deus, e te parecerá doce a morte; tempera todos os gostos da vida com este salutar

pensamento. Se tivéssemos viva fé, ninguém deixaria de invejar santamente os mortos que morrem no Senhor. *Quam sordet terra cum cœlum aspicio!*, dizia Santo Inácio. Que fedorenta me parece a terra sempre que ponho os olhos no céu! Sente tu o mesmo e pratica-o.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:50:07 by Admin
Updated 20 November 2026 20:50:07 by Admin